

## XXIV

### O MUNDO DE ARON FELDMAN

Aron foi a figura mais amável que tive o privilégio de conhecer. Lembro quando um amigo comum, o João, me levou de moto à sua casa no alto da Serra para fazer a câmera de “Finito ou Infinito”, filme em Super-8 que ele iria realizar.

Se não me engano era o ano de 1985.

Encontramos Aron na garagem remexendo o motor de sua Rural azul que havia aparecido em vários de seus filmes. Entramos no elevador e ficamos horas conversando ali dentro para só depois acionarmos o comando e subirmos para seu apartamento.

A empatia foi imediata.

De vista, eu já o conhecia. Impossível não notar sua figura altiva e esguia sempre de chapéu, paletó e uma bolsa a tiracolo nos bares que a juventude rebelde frequentava naquele momento.

• Sua imagem era a de um santo ou um guru rodeado pelos malucos aspirantes a artistas.

Só pensava em cinema. Datilografava seus roteiros na máquina de escrever, fotografava e montava no editor Super-8 que tinha na era pré-vídeo.

A sua bondade, tão aparente, pregou-lhe algumas peças.

Certa vez levou jovens interessados em cinema na sua casa/estúdio na cidade de Santo André, onde morou por muitos anos, que acabaram por lhe roubar todo equipamento 35 mm.

Certamente ele não pertencia a este mundo cruel e perigoso. Sua visão do mundo era pura, clara e amorosa, como todos os homens deveriam ver.

Seu cinema refletia sua pureza. Embora soubesse tudo da técnica, deixava flagrante a imperfeição, revelando o humano, o cinema do possível e o grande poeta que era se expressando através da linguagem audiovisual.

Quando trabalhávamos no seu filme “Odisséia de um Cadáver”, mostrando seu sapato furado me disse: “Vai se preparando, essa é a situação do cineasta brasileiro”.

Grande lição.

Vi com ele que o que importa é fazer: pensar, filmar, montar.

A viagem é essa. A força da natureza é implacável. Não se faz cinema por dinheiro e sim por amor e tesão.

Perto do Aron todos os seres humanos pareciam baixos, traiçoeiros e hipócritas em suas trajetórias repletas de artimanhas para jogar o jogo da vida. Seu sapato furava, mas claramente ele andava bem acima do chão.

\*\*\*em Parábola do Voo Livre, de Fábio Carvalho